

VIAGEM AOS EUA

Sarney critica o FMI e adverte: o Brasil mudou

TEREZA CRUVINEL

Enviado Especial

NOVA YORK — O Brasil mudou. O Brasil rebelou-se contra as propostas do FMI, que se transformou no grande auditor a serviço dos bancos internacionais, disse ontem o Presidente José Sarney à imprensa internacional, numa entrevista a 150 repórteres (80 estrangeiros) logo depois de seu discurso na ONU.

A entrevista restringiu-se exclusivamente à questão da dívida externa brasileira e Sarney surpreendeu os jornalistas estrangeiros quando qualificou de decepcionante a decisão de desvalorizar o dólar tomada pelos cinco grandes países industrializados:

— Isso não passa de uma pequena ajuda. Não altera a disposição brasileira de só assinar acordos que possa cumprir, sem comprometer o crescimento interno — disse Sarney.

Antes de começar a entrevista, Sarney explicou de modo sucinto a evolução política do Brasil desde o fim do Governo Figueiredo. Segundo o Presidente, as diferenças partidárias são nítidas no Congresso, mas as forças políticas têm se comportado como se não fossem adversárias, sem a radicalização que existia e permitindo que os problemas sejam resolvidos pela negociação. A presença na comitiva dos líderes dos grandes partidos, de Oposição e do Governo, para Sarney mostra a conciliação política do País.

Na pergunta sobre a desvalorização do dólar, Sarney precisou recorrer ao Ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal. O tradutor justificou a consulta dizendo que Sarney não tinha entendido bem a pergunta. Mas a resposta veio logo, curta e contundente:

— A reunião dos cinco grandes foi decepcionante. Só repetiu a declaração de Bonn e não trouxe qualquer solução nova para os países do Terceiro Mundo. Negociar de forma sectária e ortodoxa não atende às nossas expectativas. A desvalorização do dólar pode ser uma pequena ajuda, mas não resolve nada.

Uma das perguntas era sobre a possibilidade de repetição, por parte do Brasil, da atitude peruana (vinculação do pagamento da dívida às exportações, num virtual rompimento com o FMI), uma vez que Sarney tinha dito que o Brasil chegou a seu limite. Resposta:

— Não posso comentar a posição de um país amigo, mas asseguro que na hora final o Brasil terá uma posição firme, caso não seja possível assinar um acordo nas bases pretendidas, menos ortodoxas.

Explicou também que defendeu uma posição conjunta para a dívida do continente porque o Brasil vê dois patamares no problema: um, técnico, que deve ser tratado com os banqueiros; outro, político, que envolve a busca de soluções de interesse comum, no fórum de Cartagena, tentando negociações com os Governos dos países credores.

— O Brasil saiu da retórica para a ação. Não basta falar sem uma ação interna correspondente. O Brasil mudou. Sua posição fundamental hoje é não assinar nenhum acordo, nenhuma carta de intenção, que não possa cumprir.

E terminou com uma imagem de rebdia:

— O FMI transformou-se no grande auditor dos bancos e o Brasil rebelou-se contra isso. A fórmula ortodoxa do FMI leva à recessão, ao desemprego e à crise social, que por sua vez pode ter reflexos institucionais.



O Chanceler Olavo Setúbal e o Secretário de Imprensa, Fernando César Mesquita (depois do tradutor) ladearam Sarney à mesa, durante a entrevista coletiva à imprensa

Programa de hoje: encontro com Shultz

NOVA YORK (da Enviada especial) — O ponto alto do programa de hoje do Presidente Sarney é o encontro com o Secretário de Estado George Shultz, no Hotel Intercontinental, onde está hospedado. Sarney incluirá os assuntos protecionismo e restrições americanas à política brasileira de informáti-

ca, na conversa.

O café-da-manhã hoje é com membros do Conselho de Relações Exteriores, a elite dos americanos que lidam com assuntos externos (entre outros o banqueiro David Rockefeller, intelectuais, empresários e executivos).

Ainda no hotel, Sarney almoçará com **brazilianists**. As 19h vai a uma recepção oferecida pelo Presidente uruguaio Julio Sanguinetti e, à noite, oferece um jantar aos Presidentes latino-americanos presentes — Alan García, do Peru, e Jaime Lusinschi, da Venezuela, além de Sanguinetti.

Setúbal: doação contra 'apartheid'

NOVA YORK (da enviada especial) — Para reafirmar a condenação do Brasil ao **apartheid**, o Chanceler Olavo Setúbal fez ontem uma doação de US\$ 2 milhões (Cr\$ 20 bilhões) em nome da senhora Winnie Mandela, mulher do líder negro sul-africano Nelson Mandela. A doação foi entregue ao Secretário-Geral da ONU, acompanhada de uma carta com a justificativa.

— O Brasil quer assim expressar seu repúdio ao regime odioso do **apartheid** e manifestar sua solidariedade aos povos da África do Sul.